

Número temático: cinema, audiovisual e educação

A partir de sua origem iluminista e racionalista, a educação escolar moderna se estabelece no século XIX tendo como parceiros institucionais, ideológicos e disciplinares a fábrica, o quartel e o hospital. No século XXI, atravessada por crises, a educação escolar busca uma aposta mais humanista, recolocando e ampliando o sentido da educação de par com uma formação cultural, ética e estética, a qual convoca outras parcerias para a escola. Este dossiê reúne textos que apresentam experiências e reflexões sobre encontros com o cinema, as artes e as produções audiovisuais, que colocam a escola e a educação numa deriva sensível a outros possíveis.

De um modo geral, as artes são aquelas que produzem e expressam a partilha de sentidos, imagens, símbolos e afetos que permitem uma sociedade e uma cultura se identificarem. Assim, para formar um cidadão versado nas ciências, mas que seja um cidadão que se reconheça como pertencente a um coletivo específico, que leve em conta mais do que a si mesmo em suas ações e reflexões, é preciso que as artes estejam presentes e atuantes na escola. São elas, em última instância que podem dar sentido ético-estético às epistemologias. Na busca pela construção de uma sociedade inclusiva e democrática, se a desejamos, é fundamental a abertura às questões e às diferenças que abarquem afetos, experiências e subjetividades, além de teses e hipóteses.

É nessa direção que os artigos “Tecendo narrativas sobre gênero e sexualidade a partir de *The Walking Dead*: relato de uma experiência com as audiovisualidades no ensino superior” e “Educação e filosofia: uma análise do filme *Preciosa*” discutem questões filosóficas, éticas, e de gênero e sexualidade a partir de produções audiovisuais cinematográficas. Em ambos os casos, trata-se de fazer dialogar sentidos e intenções de formação dentro da escola, com as construções e aprendizagens já estabelecidas pelos jovens em suas relações com a série fora da escola, e pela linguagem cinematográfica do filme. Tanto a série quanto o filme educam e constroem sentidos, compondo as sensibilidades e visões de mundo de seus espectadores. Ao trazê-los para instituições formais de edu-

cação esses sentidos são tanto reconhecidos como conhecimentos quanto deslocados e problematizados como definitivos, abrindo-os para novos enfoques e questões.

A busca por uma educação que dialogue com as sensibilidades e os sentidos de si e do mundo, também implica em buscar nas artes outros parceiros modelares para a escola. Essa parceria é relevante para ambas, uma vez que o espaço e a sobrevivência das artes, para além dos estreitos canais dos mercados globalizados, dependem de uma formação educacional que permita o acesso a diferentes produções. Assim, escola pode funcionar como espaço-tempo de quebra de ritmo, de imersão, como os museus, as salas de cinema, as galerias de arte. Colaborando entre si, esses espaços e suas produções podem gerar uma dinâmica social cooperativa e sensível, para além dos ritmos acelerados do mercado, onde a individualidade possa dialogar e compor coletivos.

Os trabalhos “Cinema, cem anos de juventude: um programa internacional de educação ao cinema implementado em Portugal”; “A arte do encontro: o cineclube na escola” e “O cinema pelo olhar dos jovens: percepções de suas relações na escola e nas redes”, ao levarem oficinas de cinema e cineclubes às escolas, fazem com que a escola dialogue com um sentido ampliado de educação e espaço de formação, permeabilizando o espaço escolar a outras configurações de signos e forças, permitindo confluir a experiências de cinema com experiências escolares. Abre-se a escola ao reconhecimento de que cultura e educação são direitos primários e uma formação crítica que gere autonomia criativa passa pela aproximação desses campos.

Essa aproximação da educação com o cinema e o audiovisual amplia o sentido da cultura e da educação, de modo que o papel da educação escolar passe a abranger a produção de conhecimento, não só a transmissão, o desenvolvimento da sensibilidade estética, não só da racionalidade, bem como o letramento visual, para a leitura de imagens, não só a alfabética. Essas mudanças, para se efetivarem, precisam ser incorporadas à formação de professores como experimentação. Os artigos “Formação inicial de professores, cultura visual e novas materialidades” e “Exercícios do olhar” exploram a experimentação artística e a intervenção estética como construção de conhecimento e de subjetividade, apontando para uma aprendizagem que passa pela relação direta com a arte, sua materialidade e sua produção. Uma aprendizagem que se faz, so-

bretudo, com o corpo, os signos e os afetos, andando de par com a vida, a memória e a história de si, do outro, da arte e da educação.

É no sentido da produção dessa memória comum que convidamos à leitura desses artigos. Esperamos que suas experiências e histórias nos inventem outros futuros no presente, como a educação e a cultura devem fazer.

Editoras convidadas

Adriana Hoffmann Fernandes

Aline Verissimo Monteiro

Maria da Conceição Silva Soares

Editora Associada

Liane Araujo